



## **AQUISIÇÃO/ENSINO DO PORTUGUÊS EUROPEU POR/A FALANTES ARABÓFONOS EM MARROCOS: ESPECIFICIDADES E ELEMENTOS DE RESPOSTA<sup>1</sup>**

### **ACQUISITION/TEACHING OF EUROPEAN PORTUGUESE BY/TO ARABIC SPEAKERS IN MORROCO: SPECIFICITIES AND RESPONSE ELEMENTS**

*Maria Antónia Mota<sup>2</sup>*

*Habiba Naciri<sup>3</sup>*

#### **RESUMO**

A primeira Licenciatura em Estudos Portugueses no mundo árabe teve início no ano académico de 2009-10, em Marrocos, na Universidade Mohammed V de Rabat (UM5R), ao abrigo de um Protocolo de Cooperação entre a UM5R, a Universidade de Lisboa (ULisboa) e o Camões-Instituto da Cooperação e da Língua (Camões I.P.). A Licenciatura tornou-se autónoma, no final do ano letivo 2020-21, mantendo-se, contudo, a cooperação entre a UM5R e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), no âmbito das áreas de interesse mútuo, no qual se inclui a língua e a cultura portuguesas/de expressão portuguesa, nas suas variedades. No presente artigo, enquadra-se a Licenciatura do ponto de vista académico e do ponto de vista sociolinguístico – chamando-se a atenção para o multilinguismo social que caracteriza Marrocos e se espelha na população estudantil, com grande diversidade nas combinatórias de línguas previamente adquiridas e iniciando o estudo do português em idade adulta. Com vista a adequar o ensino do português, na sua variedade nacional europeia e enquanto língua adicional, maioritariamente, a uma população universitária com características linguísticas peculiares, está em curso o Projeto MAPEAR (Construção de materiais de apoio ao ensino e à aquisição tardia de PLE por falantes arabófonos), que se descreve, apresentando-se alguns dados linguísticos ilustrativos dos domínios linguísticos que requerem especial atenção, retirados do *corpus* de produções escritas e orais já obtidas junto dos estudantes da Licenciatura, acompanhados de uma reflexão sobre o que esses dados nos dizem sobre as interlínguas e nos recomendam, em termos de ação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição/ensino do português europeu; Língua adicional; *Corpus* de produções escritas e orais; Materiais para docentes e estudantes; O projeto MAPEAR.

---

1 Este artigo decorre da apresentação feita pelas autoras no I Seminário Internacional VariaR - *O ensino do português no mundo*, realizado online em 28/10/2021, com os naturais acrescentos de conteúdo. Faz-se notar que H. Naciri teve um papel particularmente relevante na informação disponibilizada sobre a situação linguística em Marrocos.

2 *Maria Antónia Mota* é professora associada aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigadora do Grupo Dialectologia & Diacronia, [mantonia.mota@letras.ulisboa.pt](mailto:mantonia.mota@letras.ulisboa.pt).

3 *Habiba Naciri* é professora no departamento de estudos portugueses da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade Mohammed V-Rabat, investigadora e membro permanente do laboratório Línguas, tradução, culturas e comunicação, [habiba.naciri@gmail.com](mailto:habiba.naciri@gmail.com).

## ABSTRACT

The first University Degree in Portuguese Studies in the Arab world began in the academic year of 2009-10, in Morocco, at the Mohammed V University of Rabat (UM5R), under a Cooperation Protocol between the UM5R, the University of Lisbon (ULisboa) and Camões-Institute for Cooperation and Language (Camões IP). Portuguese Studies became autonomous at the end of the 2020-21 academic year. Auspiciously, the cooperation remains between UM5R and the Faculty of Arts of the University of Lisbon (FLUL), throughout a specific protocol on mutual scientific interests, which includes the Portuguese language and culture/the language and culture of Portuguese expression, in its varieties. In this article, the Graduate Degree is framed from an academic point of view, and from a sociolinguistic point of view - drawing attention to the social multilingualism that characterizes Morocco and is mirrored in the student population, with great diversity in the combinations of previously acquired languages and beginning the study of Portuguese in adulthood. In order to adequate the teaching of Portuguese, in its European national variety (mostly, as additional language), to a university population with peculiar linguistic characteristics, the MAPEAR Project (Construction of materials to support teaching and the late acquisition of PLE by Arabic-speakers) will be presented, as well as some linguistic data, taken from the corpus of written and oral productions obtained from the students of the Graduate Degree, accompanied by a reflection on what the data tell us about interlanguages, and about the appropriate actions.

**KEYWORDS:** European Portuguese acquisition/teaching; Additional language; Corpus of written and oral productions; Materials for teachers and students; The MAPEAR project.

## Introdução

No ano académico de 2009-10, entrou em funcionamento a primeira *Licenciatura em Estudos Portugueses* no chamado Mundo Árabe, sendo, por uma década, a única nesse grande espaço geográfico e cultural.<sup>4</sup> A sua abertura foi proposta à Universidade de Lisboa pela Presidência da Universidade Mohammed V de Rabat (UM5R), enquadrando-se no Protocolo de Cooperação já existente entre as duas Universidades. Tendo essa proposta sido muito bem recebida, iniciaram-se os trabalhos de elaboração de um plano de estudos para seis semestres<sup>5</sup> e dos programas do conjunto das unidades de crédito que o iriam integrar, definindo-se os objetivos de cada uma das cadeiras e indicando-se a bibliografia de base requerida. Esse trabalho foi levado a cabo na ULisboa<sup>6</sup> e posteriormente discutido e aprovado pelos responsáveis da Faculdade de Letras e Ciências Humanas (FLSH) da UM5R.

4 Uma Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos foi aberta, em 2019, na Faculdade Al Alsun da Universidade Ain Shams, no Cairo, ao abrigo de um protocolo com a Universidade do Porto e o Camões- Instituto da Cooperação e da Língua.

5 A estrutura desta Licenciatura segue os pressupostos do Processo de Bolonha, sendo o 1º Ciclo (Licenciatura) de seis semestres/três anos letivos, o qual é geralmente completado pelos estudantes com o 2º Ciclo (Mestrado). A Declaração de Bolonha, assinada em 1999, hoje com 48 signatários, está na origem de um sistema que visa harmonizar o ensino na Europa, criando o Espaço Europeu de Ensino Superior, entretanto alargado pela adoção do sistema por países não europeus.

6 Em 2008-09, a Professora Inês Duarte, então Vice-Reitora, liderou o processo, pela Reitoria da ULisboa; Maria Antónia Mota foi nomeada representante da ULisboa e coordenadora científica da Licenciatura pela mesma Universidade, tendo participado no referido processo desde o início. O nosso principal interlocutor, à época, foi o Professor Jamal E. Elhani, desde há vários anos Decano da FLSH e nosso interlocutor direto.

O referido plano de estudos tinha como objetivo oferecer uma formação universitária especializada no domínio do português. Dando particular relevo ao domínio linguístico, visava igualmente uma formação cultural o mais abrangente possível, tendo em conta não só a abertura a uma língua e realidade novas, por parte dos futuros estudantes, mas também o âmbito específico em que a formação se inseria. A capacitação dos licenciados para aceder a pós-graduações de interesse para o seu futuro profissional ou diretamente a diferentes atividades profissionais foi igualmente considerada. Assim, os 6 semestres foram estruturados em torno de três eixos: (i) formação em língua, linguística e tradução/retroversão; (ii) desenvolvimento das aquisições pela prática, sob forma de oficinas de compreensão e de expressão orais e escritas (nomeadamente, com recurso a documentos áudio e vídeo autênticos e à leitura de periódicos *online*, preferencialmente sobre temas associados ao terceiro eixo, a seguir); (iii) formação em literaturas escritas em português (de Portugal, de África, do Brasil), em cultura e sociedade (manifestações culturais e da vida social em Portugal, com elementos também associados a espaços não europeus de língua oficial portuguesa), em história da língua portuguesa e das suas atuais variedades, em factos históricos marcantes da sociedade portuguesa (focando, nomeadamente, as relações históricas entre Portugal e Marrocos) e em arte portuguesa. Uma relação entre aspetos históricos e manifestações artísticas foi também tida em conta, na perspetiva da articulação de saberes; por exemplo, no período dos sécs. XVI-XVIII, plasmasse na arte portuguesa elementos da história dos Descobrimentos e da época colonial, e em séculos posteriores, do colonialismo florescente e do Estado Novo português, seguido da implantação da democracia. Partindo do pressuposto de que um paralelo cronológico entre estas áreas do conhecimento beneficia a aquisição de uma visão mais harmoniosa e atrativa das diferentes épocas, as disciplinas de cada semestre referem-se todas a um mesmo período, mais ou menos lato. Os 6 semestres visam, assim, uma progressão na complexidade dos conteúdos e dos seus suportes, a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e o diálogo entre o reforço dos conhecimentos anteriormente adquiridos e a introdução de novos elementos. Entretanto, algumas reestruturações foram introduzidas ao plano inicial, em função de diretivas emanadas do Ministério da Educação marroquino, mas mantiveram-se os princípios norteadores desta formação.

Por proposta da ULisboa, o Camões-Instituto da Cooperação e da Língua (Camões I.P.) integrou um Protocolo tripartido que enquadrou os doze primeiros anos de vida da Licenciatura, assinado para o efeito e em vigor durante o período de 2009-10 a 2020-21. Dispondo de uma dupla coordenação, em íntima articulação – científica, pela representante da ULisboa, e pedagógica, pelo(a) responsável pela FLSH da UM5R –, a Licenciatura tornou-se, recentemente, autónoma, cumprindo-se assim o objetivo delineado desde o início da cooperação. O Departamento de Português foi, entretanto, legalmente criado, com a constituição de um corpo docente marroquino permanente, cujo doutoramento, na área do português, se efetivou já no quadro desta cooperação.

A Universidade de Lisboa desempenhou um papel científico fundamental: para além de se responsabilizar pela definição das bases de funcionamento da Licenciatura, como acima referido,

autorizou a cooperação de doutorados da ULisboa, reconhecidos especialistas nas diferentes áreas, sob forma de docência graciosa, em períodos concentrados, de todas as unidades de crédito para as quais não existia massa crítica na UM5R. Muitos dos professores da ULisboa que participaram neste projeto foram e são orientadores de teses de Mestrado e de Doutoramento de licenciados em Rabat. O nosso reconhecimento para com esses colegas é imenso, sendo muito aprazível constatar que todos eles consideraram esta cooperação muito estimulante. Assim, no início, deslocaram-se em missão de ensino 15 docentes da ULisboa (Faculdade de Letras e Faculdade de Belas-Artes), tendo o seu número progressivamente diminuído, à medida que se foram doutorando colegas marroquinos e que vários licenciados progrediram nos estudos: se em curso de Doutoramento, os estudantes são autorizados a assegurar algumas horas semanais de trabalho docente, o que se reveste da maior importância – com efeito, essa é uma maneira de se irem formando especialistas em diferentes áreas de interesse para a Licenciatura e para futuros programas de pós-graduação, na UM5R<sup>7</sup>.

A ULisboa disponibilizou-se, ainda, para assinar convênios com a UM5R para elaboração de teses de Doutoramento em regime de cotutela e a FLUL assinou com a FLSH de Rabat um convénio *Erasmus+*, o primeiro naquela faculdade marroquina e que já deu frutos, com a frequência de um semestre por 6 licenciandos de Rabat na FLUL. Com o apoio financeiro da Associação para o Desenvolvimento da Faculdade de Letras de Lisboa, organizaram-se já dois cursos de atualização, na FLUL, destinados aos docentes marroquinos da Licenciatura.

O apoio do Camões I.P., por seu lado, permitiu a presença continuada (e ainda atual) de um leitor/docente português na Licenciatura, o que favorece um contacto regular com um falante nativo, por parte de estudantes e docentes marroquinos. Esse apoio concretizou-se, ainda, durante os referidos doze anos, em relevantes apoios financeiros de várias ordens, com destaque para a atribuição de um número importante de bolsas de investigação para os estudantes que seguiram para Mestrado e Doutoramento, na ULisboa, e para o financiamento das despesas associadas às missões de ensino dos docentes da ULisboa e da coordenadora representante da mesma Universidade.

A conjugação de esforços permitiu que, hoje, exista uma biblioteca do Departamento de português, com um número expressivo de obras, devidamente catalogadas, de teor científico, de literatura, de arte, etc., adquiridas com subsídios do Camões I.P. e através de ofertas (por exemplo, da Fundação C. Gulbenkian e de docentes da ULisboa). Os estudantes frequentam esse espaço, sendo convidados a fazer empréstimos de livros para lerem durante as férias – de referir que foram reunidos livros infantojuvenis portugueses, com características que permitam que os estudantes das fases iniciais os possam ler com facilidade, como ajuda para a sua progressão de conhecimentos linguísticos. A existência de um Centro de Língua Portuguesa, do Camões I.P., bastante bem equipado, é um fator muito importante para o apoio do Departamento e da sua missão.

---

7 No início, a Licenciatura contou também com um segundo professor português, de língua, residente em Casablanca.

Na fase atual, mantém-se, em boa hora, a cooperação protocolada entre a FLSH-UM5R e a FLUL, no âmbito das áreas de interesse mútuo, nelas se destacando a língua e a cultura portuguesas/de expressão portuguesa. Nesse quadro, diferentes atividades estão previstas, também na área da História (relações diplomáticas, património português construído em Marrocos, etc.), destacando-se, para efeitos do presente artigo, o lançamento do projeto MAPEAR, que adiante se apresentará.

De destacar, ainda, nesta visão panorâmica da cooperação em causa, a importância que sempre teve, e continua a ter, o inestimável apoio do Decanato da Faculdade de Letras de Rabat e, a outro nível, o da Embaixada de Portugal em Rabat, que, sempre que solicitados, intervieram no sentido da facilitação e do bom rumo das iniciativas necessárias, apoiando e estimulando os responsáveis pela coordenação da Licenciatura<sup>8</sup>.

### **Enquadramento da Licenciatura em Estudos Portugueses**

A par do interesse científico e social da abertura de uma Licenciatura com o perfil acima descrito no Mundo Árabe e da colaboração interinstitucional que a enquadrou, o que valeria por si só, faz-se notar o alcance de que se reveste esta colaboração, como elemento constitutivo da política de cooperação Norte-Sul (Europa-Magrebe). Na Declaração de Barcelona adotada na Conferência Euro-mediterrânica, de 1995, na qual participou Marrocos, são defendidos aspetos da maior relevância para a paz e o desenvolvimento, sendo que os signatários se declararam "convictos de que o objetivo geral [é o] de tornar a bacia mediterrânica numa zona de diálogo, de intercâmbio e de cooperação que garanta a paz, a estabilidade e a prosperidade"<sup>9</sup>.

Citamos, ainda, o seguinte, pela relevância do papel da sociedade civil, na qual se incluem as universidades: "a sociedade civil pode contribuir de forma essencial para o processo de desenvolvimento da parceria Euro-Mediterrânica", criando ou fomentando "os necessários instrumentos de uma cooperação (...) para incentivar as trocas entre os agentes do desenvolvimento: responsáveis da sociedade civil e política, mundo cultural e religioso, universidades, investigadores, meios de comunicação social, associações, sindicatos e empresas públicas e privadas"<sup>10</sup> e visando "estabelecer [esta] parceria (...) através (...) da atribuição de uma maior importância

---

<sup>8</sup> Ao longo do tempo, os Embaixadores de Portugal em Rabat, para além do relevante papel diplomático na defesa da língua e cultura portuguesas em Marrocos, sempre organizaram, assessorados pelos seus Conselheiros Culturais, no Centro Cultural da Embaixada, cursos de português abertos à sociedade, muito procurados e ministrados por sucessivos leitores/docentes Camões e/ou por licenciados em Estudos Portugueses com aptidões adequadas à função.

Uma palavra é também devida às representações diplomáticas do Brasil, de Angola e da Guiné-Bissau em Rabat, que sempre aceitaram os nossos convites para participar nas comemorações anuais do Dia da Língua Portuguesa por nós organizadas, assim como ao Presidente da Universidade de El-Jadida, que acolheu uma dessas comemorações. Não esquecemos, também, os bolseiros dos PALOP em Rabat, que confraternizaram por algumas vezes com os nossos estudantes, nesses dias de festa, e que assim ajudaram a fortalecer o conhecimento sobre as variedades linguísticas e as manifestações culturais de diferentes espaços onde se fala português.

<sup>9</sup> [https://www.europarl.europa.eu/summits/mad4\\_pt.htm](https://www.europarl.europa.eu/summits/mad4_pt.htm)

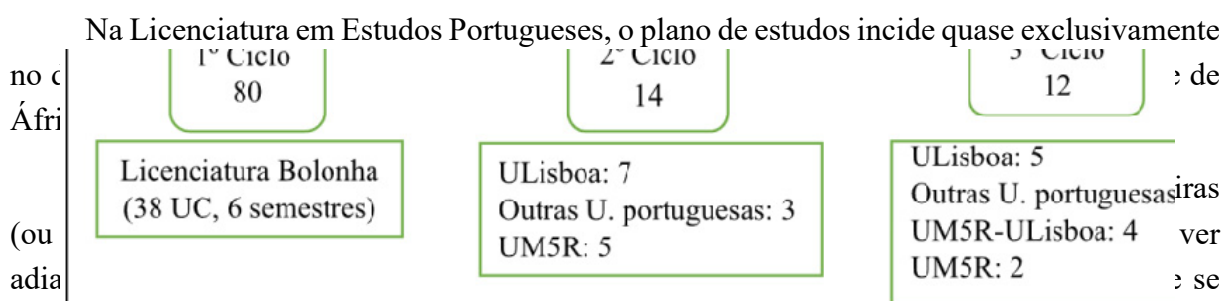
<sup>10</sup> [https://www.europarl.europa.eu/summits/mad1\\_pt.htm#citiz](https://www.europarl.europa.eu/summits/mad1_pt.htm#citiz)

à dimensão social, cultural e humana, constituindo estes três eixos as três vertentes da parceria Euro-Mediterrânica".

Se as relações entre Portugal e Marrocos datam de há séculos, a sua configuração é bem distinta, nas últimas décadas, verificando-se um incremento das relações comerciais, do turismo, da agricultura e pescas, da indústria (construção civil, energia, geologia e minas), do meio ambiente, entre outras, assim como de cooperação nas áreas da segurança no Mediterrâneo e Atlântico. Este desenvolvimento tem consequências diretas na empregabilidade dos nossos estudantes, como abaixo se destacará.

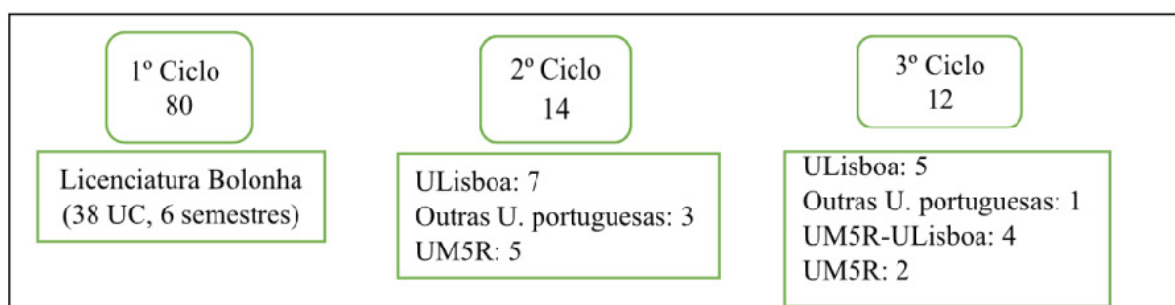
### Principais resultados da formação em Estudos Portugueses

Na UM5R, são atualmente ensinadas muitas línguas estrangeiras, existindo várias licenciaturas congêneres da Licenciatura em Estudos Portugueses, entre as quais três centradas em línguas românicas, as de Espanhol, Francês e Italiano.



mostra na Fig. 1, um número importante dos cerca de 80 licenciados em Estudos Portugueses continuou a sua formação com a obtenção de um Mestrado, tendo vários deles seguido para Doutoramento; noutros casos, e por os estudantes (cinco) já terem obtido um Mestrado noutras áreas, em Marrocos, a passagem a Doutoramento na área do português fez-se diretamente<sup>12</sup>. Na mesma Figura, indicam-se as universidades em que essa formação decorreu ou decorre, ainda no presente, sendo que se trata maioritariamente de universidades portuguesas, com largo destaque para ULisboa:

Figura 1 – Formação dos estudantes nos três Ciclos de estudos



11 A língua árabe e a francesa são também objeto de ensino formal, com dois semestres cada, como nas restantes licenciaturas em línguas.

12 Nos números indicados, incluem-se 1 dissertação de Mestrado e 4 teses de Doutoramento em fase final ou mesmo de defesa pública.

As áreas de pós-graduação científica são, em termos gerais, as da língua e linguística, das ciências da linguagem, da tradução, das literaturas de expressão portuguesa, da história, da arte. Os cinco estudantes que obtiveram o seu Mestrado em Rabat, fizeram-no na Escola Superior de Educação de Rabat, na área da didática das línguas estrangeiras.

Parte das dissertações e teses beneficia da orientação apenas de professores de instituições universitárias portuguesas e outra parte, de orientações conjuntas ULisboa-UM5R. Deve sublinhar-se que uma parte substancial dos estudantes obteve bolsas de investigações do Camões I. P., o que permitiu a mobilidade dos estudantes e a sua permanência por longos períodos em Lisboa, tendo, assim, proximidade com os seus orientadores portugueses, acesso a bibliotecas e, igualmente muito importante, total imersão linguística e social; outros, porém, prosseguiram a sua formação a expensas próprias, juntando a verba necessária com o esforço do seu trabalho, prévio ou concomitante, o que mostra bem o enorme empenho dos estudantes em se especializarem.

Os resultados das pós-graduações têm sido excelentes, com notas muito elevadas, sendo que duas doutorandas foram convidadas a integrar centros de investigação portugueses e um outro foi chamado a lecionar árabe, num curso livre do Centro de Línguas da FLUL (CLi). Um outro índice muito positivo da aquisição de uma formação em português é o da taxa de empregabilidade de licenciados e pós-graduados, que chega a  $\geq 90\%$ , em empresas nacionais e internacionais, embaixadas de países de língua oficial portuguesa, Polícia, ensino, tradução, turismo, jornalismo, *calling centres*, etc.

Em Marrocos, o ensino é totalmente gratuito, pelo que vários estudantes obtêm duas licenciaturas, ou até dois mestrados. Assim sendo, o público universitário apresenta um perfil muito variado, ao entrar na Licenciatura em Estudos portugueses, não só no que respeita à formação universitária prévia como à faixa etária, juntando-se estudantes saídos do ensino secundário, com cerca de 17 anos, e pessoas com formação superior noutras áreas, com idade (muito) superior. Em comum têm o facto de iniciarem a aquisição do PLE apenas na universidade (o português não faz parte do elenco das LE oferecidas em níveis de ensino anteriores), o que se tenta compensar com um mês de formação intensiva em língua, antes do início do 1º semestre da Licenciatura. Se tal exige um enorme esforço por parte de estudantes (aprendentes tardios) e docentes, não impede que aqueles estudantes que ultrapassam com sucesso a barreira do 1º ano<sup>13</sup> se tornem maioritariamente bons alunos. Em secção posterior, voltaremos a estas questões.

### **Contextualização sociolinguística do ensino/aquisição do português em Marrocos: o multilinguismo marroquino**

---

13 No 1º ano, há tradicionalmente muitos inscritos nesta Licenciatura, nos Serviços Académicos. Mas há, igualmente, uma prática de mudança de curso, mesmo antes do início das aulas, e uma grande taxa de absentismo, pelo que a diferença entre inscritos nos Serviços no 1º ano da Licenciatura e o número efetivo de presenças e de frequência regular é muito grande.

Marrocos é um país norte-africano de duas expressões nacionais oficiais: o árabe e o *amazigh*, conhecido na literatura internacional sob o nome de berbere. Mas o *amazigh* foi declarado língua oficial apenas em 2011, na nova Constituição marroquina.

Apesar de o espaço deste artigo não permitir elencar todo o processo de estabelecimento do árabe nas terras marroquinas dos *imazighen* (berberes), consideramos relevante fornecer alguma informação histórica, de modo a melhor se compreender a atual situação linguística do país e da sua população.

Assim, o árabe clássico penetrou nas terras marroquinas à medida que foi levada a cabo a arabização do território, mas, sobretudo, a islamização. De facto, a religião fez com que este idioma fosse facilmente acolhido e substituísse o *amazigh* em muitos domínios da vida da população autóctone. Pela grande carga afetiva que tem, e mesmo não sendo inicialmente língua materna, foi desde então usado não só no domínio da liturgia e da aprendizagem do Corão como na expressão literária, continuando a ser descrito na maioria das gramáticas. Aceitando a religião muçulmana, os *imazighen* deixaram espaço à língua do Corão para que esta obtivesse o estatuto de língua oficial. Não obstante, esta população conservou a sua identidade linguística e cultural através das gerações, por via oral, mesmo não podendo levar esta língua à oficialidade até recentemente. Como variedades maternas dos descendentes dos *imazighen*, com uma expressão bastante grande no país, contam-se

- (i) o *tachelhit*, variedade com maior número de falantes, muito utilizada no sul de Marrocos, particularmente na cidade de Marraquexe, passando por Agadir, Taroudante, Ouarzazate, Essaouira e os arredores destas;
- (ii) o *tamazight*, usado no centro do país, nas regiões rurais em torno de cidades como Khenifra, Fez, Ifran, Khemisat, etc.;
- (iii) o *tarifit*, variedade do noroeste de Marrocos, na região do Rif, em cidades como Tetuan, Nador, Husaima, entre outras.

Por seu lado, no domínio da língua árabe, existem variedades diferenciadas não só linguisticamente, por traços específicos, mas quanto aos domínios de uso. Estas variedades vão desde a variedade alta (árabe clássico standard) à variedade baixa (árabe marroquino), desenvolvido neste espaço geográfico: de facto, ninguém usa o árabe clássico, no dia a dia, mas sim o árabe marroquino, língua materna de uma vasta parte da população, conhecido sob o nome do *darija*. O *darija* é, assim, a língua materna dos descendentes dos árabes marroquinos. Mas, num movimento de diferenciação social das pessoas instruídas, sobretudo em situações do uso formal, surgiu, entretanto, um árabe marroquino que denominamos “culto/standard” no Quadro 1, abaixo, chamado ‘mediano’, na terminologia de Youssi (1983), ou ‘árabe marroquino moderno’, em Ennaji (2001), aos quais voltaremos abaixo.



**Quadro 1** – Panorama linguístico de Marrocos

L1		L apenas de aprendizagem formal	L veicular urbana
<i>amazigh</i>	<i>darija</i> ou árabe marroquino comum	- árabe clássico ⇒ uso litúrgico (mesquita)	francês
↓ <i>tachelhit</i> <i>tamazight</i> <i>tarifit</i>	árabe marroquino moderno / culto / standard	- árabe (clássico) ⇒ modalidade formal standard	espanhol

O árabe (clássico) standard é a língua do Estado e das suas instituições e de comunicação com outras regiões árabes. Para Youssi (1983), o árabe, em Marrocos, passou de uma situação de diglossia (árabe clássico – árabe marroquino) a uma situação de triglossia, com a inclusão da nova variedade. Já Ennaji (2001), passados cerca de vinte anos sobre a publicação anterior, considera existir quadriglossia, em que cada variedade escrita e oral se duplica, dando origem a outro registo linguístico, incluindo o desenvolvimento do “árabe moderno” – ensinado na escola e que levanta muitos problemas de aquisição às crianças que só conhecem o *darija* e/ou uma variedade do *amazigh*, sem acesso à língua clássica no seu meio.<sup>14</sup> Baseando-nos nos trabalhos acima, apresentamos a seguinte representação:

**Quadro 2** – Situação do árabe no contexto marroquino

	Língua árabe			
	árabe clássico (escrito)		árabe marroquino (oral)	
<b>Diglossia</b>	árabe clássico (escrito)		árabe marroquino (oral)	
<b>Triglossia</b> (Youssi, 1983)	árabe clássico (/literário)		árabe mediano	árabe marroquino
<b>Quadriglossia</b> (Ennaji, 2001)	árabe clássico	árabe moderno	árabe mediano	árabe marroquino

Temos, assim, um *continuum* social de línguas/variedades, com diglossia, sendo que, como é sabido, o valor da língua/variedade depende das circunstâncias da sua utilização, do seu peso e prestígio social. Bennis (2011: 3, 4) refere o seguinte: “[houve] uma mudança imprevisível que se reflete no estabelecimento de uma variedade urbana cuja principal função é estabelecer o *continuum* formal e nocional que faltava, um *continuum* entre o árabe marroquino, o *amazigh* marroquino e o árabe padronizado. (...) O retorno do árabe marroquino aos meios de comunicação é, sem dúvida, o fenómeno mais marcante no mercado linguístico marroquino (...) [como se verifica, por exemplo] nos painéis colocados na esfera pública (...). Todos estes elementos constituem espaços de promoção e enriquecimento da língua materna a que se refere o termo ‘marroquino’” (t.n.).

14 Trata-se de uma variedade simplificada do árabe clássico, resultante do movimento Nahda, ou Renascimento, entre finais do séc. XVIII e 1950, “era romântica, mesclando cultura e política. Corresponde a vários movimentos de emancipação: do pensamento e da linguagem que o exprime, (...) da “nação árabe” no contexto otomano ou colonial, da libertação também das mulheres” (<https://www.monde-diplomatique.fr/mav/106/DUPONT/17685>; t.n.). Citando Youssi (1983: 78), até à data “nenhum governo ou instituição árabe propôs a adoção de variedades nacionais como línguas oficiais e de escolarização”.

Podemos dizer que, na realidade, o árabe clássico sofreu mudanças exigidas pelas circunstâncias sociopolíticas e pelas grandes inovações tecnológicas que o mundo árabe conheceu nos séculos anteriores. No século XX, depois da independência dos países árabes, estes adotaram uma política de arabização do ensino. Através do processo da tradução, palavras novas penetraram o léxico árabe e estruturalmente assistiu-se a processos de mudança sistemática<sup>15</sup>, resultando daí a versão simplificada do árabe moderno ou padrão/standard, que passou a usar-se essencialmente nos meios audiovisuais e na comunicação social.

O último censo realizado em Marrocos data de 2014, não havendo, assim, dados atualizados; mas, nesse Censo, o uso era de 89,96% para o *darija* e de 25,74% para o ramo *amazigh*, em média; na província de Rabat, onde se localiza a UM5R, o uso do *darija* é aí estimado em cerca de 98% e o do *amazigh*, em cerca de 12%. Naturalmente, nestas percentagens incluem-se os falantes que falam duas ou mais destas línguas<sup>16</sup>. Assim, na sociedade marroquina, podem encontrar-se dentro do mesmo espaço geográfico falantes monolíngues, bilingues ou multilingues.

Uma pergunta impõe-se: no mapa linguístico marroquino, que língua oficial é realmente considerada nas comunicações oficiais? Como é que uma língua recém-codificada, como é o caso do *amazigh*, se torna uma língua de comunicação para uma massa que a herdou pelo berço sem se instruir nela? E que variedade do *amazigh* é considerada efetivamente na comunicação oficial? No começo do século XXI, Marrocos abriu uma nova página de conciliação com o *amazigh*, ao proceder à sua oficialização, como já referido, a inserção no ensino, até agora em escolas modelo, sabendo-se que se ensina uma versão unida das suas três variedades (o *amazigh* standard), ou simplesmente, uma nova língua. O próprio nome da ortografia *amazigh*, *tifnagh*, determina esta finalidade: tifi (achado)+nagh (nosso), ou seja, ‘o nosso achado’, quer dizer, a forma encontrada para salvar o património *amazigh*. A nosso ver, esta reconciliação com a língua *amazigh* é de aplaudir; porém, nota-se precipitação em algumas decisões assumidas. Pensou-se em conservar a identidade *amazigh* e esqueceu-se que a língua *amazigh* nos chegou de geração em geração apenas oralmente, sendo que muitos falantes dessa língua não conseguem compreender a sua versão escrita unificada, o *tifnaghe*, já que não conhecem as convenções ortográficas correspondentes.<sup>17</sup>

15 Ennaji (2001: 55), comparando o árabe clássico e o árabe moderno, afirma que “o mesmo tipo de frases é usado tanto no árabe clássico quanto no árabe padrão (árabe moderno) com uma diferença: os morfemas na posição final de cada palavra estão ausentes no árabe padrão” (t.n.). A nível da ordem das palavras na frase, é frequente o uso da estrutura S(ujeito) V(erbo) O(bjeto), diferentemente da ordem VSO do árabe clássico; na sintaxe, pelo contacto com o francês, muitas formas desta língua penetraram no árabe moderno. Ennaji (2001: 56) justifica esta inovação dando o exemplo do sintagma agente; para este investigador, “O sintagma agente no pretérito min qibali, ‘alaa jadi, min laduni’ (em nome de), que anteriormente não existia em árabe, é amplamente usado em árabe padrão”.

16 A fonte destes dados é a página do Haut-Commissariat au Plan, relativos ao Censo de 2014, em <http://rgphentableaux.hcp.ma/>. Estava incluída nos gráficos retirados da página a língua materna hassania, variedade de árabe com influência lexical *amazigh*, de um grupo populacional rural do Sul; não a consideramos aqui, pelo facto de não entrarmos na questão das variedades dialetais do árabe.

17 Criou-se o Instituto Real de Língua e Cultura Amazigh (IRCAM), defendendo uma política virada para uma única versão das três variedades já referidas. Criou-se, também, um canal televisivo *amazigh*, no qual se utiliza esta versão unificada. Na atualidade, nota-se, porém, uma mudança de estratégias: a título de exemplo, na televisão *amazigh*, pode-se escolher uma das variedades para ouvir um programa. Tal opção traz uma certa tranquilidade e satisfação junto da população local.

O panorama sociolinguístico de Marrocos completa-se, em traços largos, com a presença de línguas estrangeiras. Coabitam, com as línguas de matiz nacional, no espaço geográfico marroquino, línguas não originárias do território, mas que podemos considerar veiculares, sobretudo nas zonas urbanas e na comunicação com os estrangeiros, como o francês e, em muito menor grau, o espanhol; são línguas estrangeiras de antiga colonização ou protetorado, cuja implantação se explica, assim, por razões históricas, e se plasma numa repartição geográfica bastante bem definida.<sup>18</sup> Na opinião de Bennis (2011: 2), por exemplo, "as línguas estrangeiras cumprem o papel de línguas de abertura e modernização como no caso do francês e do inglês, enquanto as línguas locais são as línguas de identidade, herança e, em certos casos, da modernidade" (t.n.). Nós poderíamos acrescentar o português.

Marrocos é, assim, um país multilingue, mas é necessário assinalar que esse multilinguismo não é o resultado de uma política linguística estruturada nem de uma opção do governo (Cheddadi, 2011), mas sim resultado das circunstâncias socio-históricas, as quais determinaram a presença de várias línguas no país, verificando-se, para além da diglossia, *lato sensu*, já comentada, a existência de *code-switching*.

O Quadro 3 tenta mostrar as diferentes possibilidades de combinação de línguas, na população marroquina, sendo clara não só a variedade de perfis de conhecimento linguístico encontrados na sociedade, como na nossa Licenciatura:<sup>19</sup>

**Quadro 3** – Estimativa de combinatórias linguísticas possíveis, num mesmo indivíduo, em Marrocos

Amazigh	Árabe marroquino	Árabe marroquino standard	Árabe clássico	Árabe moderno	Francês	Espanhol
	+		+		(+)	(+)
+			+			
+	+		+		(+)	(+)
	+	+	+	+	(+)	(+)
+	+	+	+	+	(+)	(+)

Assim, resulta difícil identificar, à partida, as línguas utilizadas na sala de aula de PLE, na Licenciatura em Estudos Portugueses, estando os docentes perante turmas que se revelam, geralmente, heterogéneas, o que exige o recurso ao seu próprio conhecimento

18 Marrocos conheceu, desde o fim do séc. XIX, mas sobretudo a partir de 1912, a presença de potências externas: em 1912, foram instituídos o extenso Protetorado francês e o Protetorado espanhol (todo o Norte, excluindo Tânger), à luz de tratados assinados com o sultão Moulay Hafid, os quais duraram até à independência de Marrocos, em 1956. Segundo Dieste e Villanova (2013: nota 4) "O tratado [com Espanha] também estabeleceu outra área de protetorado espanhol no sul do Marrocos, a região de Cap Juby / Tarfaya (...). A ação colonial espanhola foi mínima neste território, mais ligado à colónia do Saara espanhol (Saguia el-Hamra e Río de Oro), que era contígua a ele, do que à zona norte do protetorado". A língua inglesa impõe-se de modo notável no mercado linguístico marroquino, estando incluída no conjunto de línguas estrangeiras do sistema educativo nacional suplantando o francês.

19 Alguns indivíduos falam apenas *amazigh*, nas zonas rurais. Acrescente-se que se parte do princípio de que a maioria da população frequenta a mesquita, onde se usa o árabe clássico, do Corão.

de diferentes línguas faladas em Marrocos, quando, por razões didáticas, desejam fazer comparações linguísticas.

### O Projeto MAPEAR<sup>20</sup>

O Projeto MAPEAR (Construção de materiais de apoio ao ensino / aquisição tardia de Português europeu - língua adicional a / por falantes arabófonos), em curso, visa analisar as interlínguas dos estudantes da Licenciatura, a partir de dados de produção escrita e oral, e chegar a padrões de comportamento linguístico. O seu lançamento visa responder a uma situação enquadrada na história político-social particular de Marrocos e marcada por uma população de estudantes urbana, com um perfil sociolinguístico complexo, como acima tentámos retratar.

Com efeito, e lembrando, os estudantes iniciam o seu contacto com o português e a sua cultura apenas na universidade, tendo 17 anos ou mais (alguns, muito mais), tratando-se, assim, de aprendentes tardios numa língua maioritariamente adicional (L3, L4, Ln); são, maioritariamente, multilingues, sendo que (i) a sua L1 e as restantes variedades nacionais que dominam correspondem a sistema(s) muito afastado(s) do sistema do português e que (ii) muitos deles têm conhecimentos de francês e de espanhol, em grau de proficiência diverso, mas constituindo sempre uma mais-valia para a comparação entre esses sistemas (muito) próximo(s) do português.<sup>21</sup>

Com base nestas premissas, e porque os materiais didáticos disponíveis nem sempre respondem adequadamente às necessidades do público-alvo marroquino, tornou-se clara a necessidade de criar materiais de apoio para docentes e de materiais específicos para os estudantes, a fim de colmatar áreas não adequadamente tratadas nas publicações didáticas disponíveis, face às dificuldades dos estudantes, efetivamente identificadas. Assim, no âmbito do Projeto, prevemos construir conteúdos adaptados à situação específica e pô-los ao serviço dos programas das cadeiras de língua e aos programas a ela associados, incidindo em questões de gramática, tradução, aspetos pragmáticos e cultura portuguesa, *lato sensu*.

Para chegar à delimitação dos domínios mais resistentes à aquisição do PLE, parte-se da análise de interlínguas (considerando como relevante a análise das estratégias usadas pelos estudantes e o papel das línguas que dominam, nacionais e estrangeiras, em particular românicas); como objetivo final, prévio à construção de materiais, interessa-nos, assim, definir padrões de comportamento linguístico. A comparação dos sistemas em presença, a rentabilização de aquisições linguísticas prévias e a pesquisa de informação sobre situações sociolinguísticas análogas fazem igualmente parte da nossa abordagem.

Para trabalharmos com segurança, optámos por constituir um *corpus* de produções

20 O Projeto beneficiou de um subsídio do Camões I.P. para a compra de aparelhos de som e informáticos necessários.

21 Remete-se, para informações complementares, para Pinto (2012).

escritas desenvolvidas em diferentes cadeiras e de produções orais, sob forma de entrevista/conversa livre, acreditando que "grandes *corpora* fornecem muitos factos novos (...) que muitos professores (...) presumiam estarem bastante bem compreendidos" (t.n.).<sup>22</sup> A construção do *corpus*, em fase inicial mas em progresso, conta atualmente com 151 produções escritas e 35 minutos de produção oral, de estudantes dos 6 semestres. O formato do *corpus* foi concebido usando os ensinamentos da sociolinguística variacionista, visando ser equilibrado e representativo da população, tendo sido selecionadas diferentes variáveis independentes que nos parecem importantes para o efeito. Dispor de um *corpus* vasto permite evidenciar eventos linguísticos repetidos, recorrentes, chegar a padrões de comportamento e assim orientar as linhas de pesquisa e a construção dos materiais. A recolha é realizada pelos próprios docentes, o que garante a familiaridade com o enquadramento e com o contexto de produção.

O âmbito do trabalho é o dos níveis A1 a B2 do QECR, os quais correspondem aos dois primeiros anos da Licenciatura e ao início do 5º semestre, em termos globais.

Ilustram-se, de seguida, alguns dos domínios que necessitam de particular atenção, no contexto em causa.

### **Alguns domínios de intervenção e exemplos do *corpus* MAPEAR**

A título de exemplo do nosso *corpus* escrito, vejam-se os casos seguintes, com provável interferência de outras línguas românicas ou das L1, que uma análise comparativa alargada, considerando os padrões de comportamento a que se chegar, tentará verificar (sabendo-se, contudo, que existem fases de tentativa ou de testagem de soluções adequadas que podem relevar de estratégias diversificadas). A codificação das produções permite, no momento da análise, acompanhar um mesmo informante do 1º ao 6º semestre, o que é importante para a consideração das fases de aproximação do sistema alvo e dos domínios mais ou menos resistentes à aquisição.

#### **1. Género**

O valor de género dos nomes e o valor adquirido pelos adjetivos, em sintaxe, revela-se problemático, como já notado em trabalhos anteriores, como é o caso de Naciri (2012) e Pinto (2017), que apresentam algumas conclusões relevantes e a ter em consideração neste Projeto:

- 1) O professor (...) apresentou um **analise** simple.
- 2) ... e **valores** semanticas que cada palavra tem.

---

<sup>22</sup> Em M. Stubbs, 2004, Language Corpora, cap. 4 de *Handbook of Applied Linguistics*, disponível em [https://www.academia.edu/36721987/Handbook\\_of\\_Applied\\_Linguistics](https://www.academia.edu/36721987/Handbook_of_Applied_Linguistics)

## 2. Concordância

A concordância no sintagma nominal e no sintagma verbal apresenta-se também problemática, como mostram os exemplos seguintes, sendo que o exemplo 4) revela igualmente a questão da aquisição dos verbos morfologicamente mais complexos:

3) Nós estudantes, vimos **muitas pinturas** francesa e portuguesa.

4) Quando **ela** *estudou* em liceu Descartes tive muitas amigas.

## 3. Tempos/modos verbais (e *Concordantia/Consecutio Temporum*)

Neste domínio, verifica-se especial dificuldade em distinguir, por um lado, os valores do indicativo perfeito e imperfeito e, por outro lado, em harmonizar indicativo e conjuntivo e formas compostas entre si:

5) No ano passado, **durante as férias**, costumei visitar as bibliotecas.

6) ... embora o termo possa estar errado, **era** o mesmo.

7) Se tiver tempo, **tinha ido** ao cinema contigo.

## 4. Clíticos

Tratando-se de um domínio particularmente complexo, a aquisição da colocação dos pronomes clíticos permanece uma dificuldade até ao final do percurso:

8) A viagem **se** trata descobrimentos do caminho marítimo de Vasco de Gama.

9) ... tentou analisá-**los** e nos deu uma ideia deles.

## 5. Fonologia/Ortografia

Verifica-se com frequência a existência de dificuldades na relação fonologia/ortografia, muito provavelmente devido à influência do árabe, afetando léxico com a vogal /e/, em particular:

10) ... uma atitude crítica em relação à igrija.

11) ... para procurar dos produtos e aspeciarias no outro país.

## 6. Topónimos e antropónimos/Ortografia

Em árabe, não existem maiúsculas para os chamados nomes próprios, sendo o uso de minúsculas iniciais, em português, um problema que resiste por muito tempo:

12) ... caminho marítimo de vasco de gama.

Estas são apenas algumas das áreas de análise e de intervenção, no âmbito do Projeto, podendo evidenciar-se, através dos poucos exemplos dados, que a questão da interferência das

línguas nacionais e estrangeiras é um aspeto a olhar de perto pela equipa, constituída pelos docentes da Licenciatura de Rabat e por quatro colaboradores portugueses, três dos quais associados à Faculdade de Letras de Lisboa.

Na fase final do Projeto, serão divulgados resultados e o *corpus* será disponibilizado à consulta externa.

### **Comentários finais e projetos de futuro**

A avaliação geral destes doze anos de ativa cooperação institucional é muito positiva, na nossa opinião e como tentámos demonstrar, ao longo desta apresentação. Numa região particularmente importante para a paz e a cooperação na zona mediterrânica ocidental-atlântica, acreditamos que este projeto de formação contribui para o aprofundamento das relações entre países vizinhos, enquanto instrumento «para incentivar as trocas entre os agentes do desenvolvimento: responsáveis da sociedade civil e política, mundo cultural e religioso, universidades, investigadores, meios de comunicação social, associações, sindicatos e empresas públicas e privadas», conforme citação identificada na nota 9 deste texto. O interesse pelo português, em Marrocos, é realmente grande, existindo a vantagem de que Portugal é conhecido pela população em geral como um país amigo.

A coordenação e o corpo docente da Licenciatura, agora autónoma, concordam em continuar a lutar pela obtenção de algumas mais-valias que, desde a fase anterior, se almejava conseguir. Entre elas, destaca-se a inclusão da língua portuguesa como língua estrangeira opcional no ensino secundário marroquino (a nível do *Baccalauréat*), o que permitiria que muitos dos estudantes já dispusessem de conhecimento prévio desta língua, ao entrar no ensino superior.

Seria, igualmente, muito importante obter do Ministério da Educação Marroquino a abertura de cursos de português noutras universidades marroquinas, sendo várias as que nos declararam ter interesse nessa abertura (por exemplo, as Universidades de El-Jadida, de Fez, de Casablanca), em alguns casos para estudantes de cursos técnicos. Essa possibilidade permitiria dar emprego no ensino a pós-graduados da UM5R.<sup>23</sup>

Prevista a breve trecho está a inclusão do português no Mestrado em Tradução, recentemente aberto na FLSH de Rabat, o que constitui uma conquista muito relevante, permitindo a posterior formação dos muito necessários tradutores ajuramentados de árabe-português/português-árabe. O intercâmbio académico irá fortalecer-se ainda mais com a nova reforma académica do *Bachelor*, a qual prevê que a Licenciatura em Estudos Portugueses, como as suas congéneres, passe a ser lecionada em 4 anos e com o sistema internacional de créditos, permitindo assim uma maior facilidade na mobilidade internacional.

---

23 Na sede da Câmara de Comércio Luso-marroquina, em Casablanca, têm vindo a ser dados alguns cursos de português, mas atualmente existem algumas dificuldades logísticas.

Está também prevista a abertura, logo que possível, de um centro de exames do CAPLE<sup>24</sup> na Faculdade de Letras de Rabat, o qual seria o primeiro no Mundo Árabe, permitindo aos graduados da UM5R e a estudantes de outras nacionalidades magrebins a obtenção de uma certificação internacionalmente reconhecida em PLE.

Finalmente, e dada a existência dos já referidos protocolos universitários entre Rabat e Lisboa, contamos organizar colóquios sobre temáticas de mútuo interesse e publicar os resultados dos mesmos, logo que a situação sanitária mundial o permita.<sup>25</sup>

## Anexo

Dada a importância do francês e, em parte, do espanhol no território marroquino e da sua integração na mesma família linguística do português, com as consequências já referidas para a aquisição do português, deixamos aqui um complemento de informação.

Como ponto prévio, é de notar que, nos tempos da colonização/do protetorado, Marrocos era dividido em três regiões: região francesa, região espanhola e cidade de Tânger que, pela situação geográfica, era uma região multinacional (Roldán, 2005). A presença da língua francesa nos territórios marroquinos remonta ao início do século XX, mais precisamente ao ano de 1907. A língua francesa era a língua oficial das regiões francesas e usava-se independentemente das línguas autóctones. Nos tempos da independência, esta língua adquiriu o estatuto de primeira língua estrangeira. De facto, a independência trouxe uma nova repartição das línguas no mapa nacional. Krikez (2005, *apud* Roldán, 2005: 38) reparte o modo de considerar a língua francesa nos tempos da independência em três etapas. Na primeira etapa (1956-1970), a da independência, mesmo sendo determinado que a língua oficial do país é o árabe, o francês, pela inexistência de funcionários marroquinos tanto nas administrações como no ensino, continuava a manter o seu estatuto, como nos tempos da colonização. Nos anos oitenta, o francês começou a deixar espaço ao árabe, facto animado pela subida das vozes que reclamavam o perigo daquela língua para a identidade muçulmana do país. Começou então o processo de arabização em todos os domínios, reduzindo-se o francês ao âmbito do ensino científico e técnico. Nessa altura, o conceito fundamental era o de considerar o árabe como língua oficial e o francês como primeira língua estrangeira. A última etapa definida por este investigador vai desde 1980 até à atualidade. Nesta última etapa, consequência das anteriores, a língua francesa é a primeira língua estrangeira do país, língua de abertura ao mundo, que interessa ser ensinada devido às características socioculturais marroquinas<sup>26</sup>, e que está presente na administração, mesmo no norte marroquino onde se fala mais o espanhol.

24 Centro de Avaliação e de Certificação de Português Língua Estrangeira, Faculdade de Letras de Lisboa.

25 A FLUL tem grande tradição de estudos árabes - língua e cultura, com forte presença no Centro de História da FLUL (arte e património português construído em Marrocos, presença berbere e árabe em Portugal, estudos de diplomacia bilateral, etc.), sem esquecer que o Campo Arqueológico de Mértola é obra de um ex-docente do Departamento de História da FLUL e grande especialista do mundo árabe, Cláudio Torres.

26 De acordo com o jornalista Ali Amar, citado em Albet-mas et al. (1995), "A forte presença da cultura francesa em escolas, colégios e institutos perpetuou (...) [a] reprodução das elites francófilas, que geralmente concluem o seu ensino superior em França" (t.n.).

*Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 24, número 1, p. 66 - 82, 2022.



Devido à proximidade geográfica com Espanha, à movimentação das populações entre os dois países, nomeadamente para trocas comerciais, à presença dos enclaves espanhóis de Ceuta e Mellila e por razões de índole histórica, o espanhol tem uma posição importante na costa norte de Marrocos. Boukous (1995: 22) considera que a presença do espanhol em Marrocos data do século XVI, época em que os mouriscos e os judeus encontraram refúgio nas cidades marroquinas da zona norte. Essa presença reforçou-se no séc. XIX, com focos de administração espanhola imposta pela força e, posteriormente, com a chegada dos colonizadores, no séc. XX (1912, Tratado de Fez), que aí permaneceram por aproximadamente quarenta anos.

## Referências

ALBET-MAS, Abel; GARCIA-RAMON, M. Dolors; NOGUE-FONT, Joan; RIUDOR-GORGAS, Lluís. Géographie, aménagement du territoire et colonialisme espagnol au Maroc. *Cahiers de géographie du Québec*, 39(106), p. 43–59, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/022477ar>. Acesso em: novembro de 2021.

BENNIS, Saïd. La situation linguistique au Maroc : Enjeux et état des lieux, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/7281190/Situation\\_linguistique\\_au\\_Maroc](https://www.academia.edu/7281190/Situation_linguistique_au_Maroc). Acesso em: novembro de 2021.

BOUKOUS, Ahmed. *Société, langues et cultures au Maroc : enjeux symboliques*. Rabat: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines, 1995.

CHEDDADI, Abdesslam. Al-waḍc al-luḡawī al-maḡribī bayn 'irṭ al-māḍī wa muqtaḍayāt al-ḥāḍer. *Al-Madrassa Al-Maḡhribiya*, n. 3, p. 13-41, 2011.

DIESTE, Josep Lluís Mateo; VILLANOVA, José Luis. Les interventores du protectorat espagnol au Maroc. Contextes de production d'une connaissance politique des cabilas. *Cahiers d'études africaines*, 53 (3), n. 211, p. 595-624, 2013.

ENNAJI, Moha. De la diglossie à la quadriglossie. *Langues et linguistiques, revue internationale de linguistique*, n. 8, 49-64, 2001.

PINTO, Jorge. Transferências lexicais na aquisição de português como língua terceira ou língua adicional. Um estudo com alunos universitários em Marrocos. *Diacrítica*, 26/1, p. 171-187, 2012.

\_\_\_\_\_. A aquisição do género e da concordância de género em português língua terceira ou língua adicional. *Teorias e Usos Linguísticos*. Lisboa: Lidel, p. 91-110, 2017.

NACIRI, Habiba. O multilinguismo e os processos de aquisição de PLE na universidade marroquina. Tese (Doutoramento), Universidade Mohammed V-Agdal, Rabat, 2012.

ROLDÁN ROMERO, Magdalena. El español en el contexto sociolingüístico marroquí: evolución y perspectivas. *Aljamía*, p. 37-46, 2005.

YOUSSI, Abderrahim. La triglossie dans la typologie linguistique. *La linguistique*, v. 19, p. 71-83, 1983.